

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



Eurípide, Médée. Édition, introduction et commentaire de ROBERT FLACELIÈRE. «Érasme», collection de textes grecs commentés, Paris, Presses Universitaires de France, 1970. 128 pp.

Eurípides, Medea. Edited by ALAN ELLIOTT, Oxford University Press, 1969. VIII + 168 pp.

Saídas nos últimos anos, estas duas edições da *Medeia* de Eurípides são dignas de apreço e duma saudação muito especial pelo espírito e intenção que animaram os seus autores.

O primeiro veio preencher uma lacuna que se vinha notando na colecção «Érasme»: a ausência dos trágicos. É um trabalho sóbrio e bem informado, segundo o teor a que a colecção já nos habituou. Começa por uma «Introdução», dividida em cinco capítulos. No primeiro dá-nos uma breve notícia biográfica de Eurípides; no segundo expõe o mito de Medeia; no terceiro estuda a peça, pondo em relevo o ciúme e a luta interior da protagonista entre o desejo de vingança e o amor maternal, chama a atenção para a influência sofisticada e para certo feminismo que a peça deixa transparecer; no quarto capítulo dá uma breve resenha do tratamento do mito posteriormente a Eurípides e no quinto historia de forma sucinta a transmissão do texto, enumerando os vários mss., sem contudo apresentar uma nova classificação.

O texto, com comentário sóbrio ao fundo da página — embora com notas desnecessárias como «ξὺν = σὺν» (v. 11, p. 32), «δεσπότην, acc. de δεσπότης, ἰδος» (v. 17, pp. 32-33), «καὶ αὐτῆ = καὶ αὐτῆ» (v. 302, p. 51), «δλόμενος part. aor. 2 moyen de ἄλλομι» (v. 1253, p. 111), «πάρα=πάρεστιν» (v. 1347, p. 117; v. 1408, p. 120), enquanto explica deficientemente διαπτάσθαι, v. 2, p. 31) — não segue nenhuma das edições anteriores; como confessa Flacelière, na p. 23, foi estabelecido em conformidade com a sua noção do estilo de Eurípides e, sobretudo, segundo o valor intrínseco de cada lição. Nota-se, no entanto, uma aproximação maior da edição de Méridier, aliada a uma acertada tendência para conservar o texto dos mss. (pretere-o, no entanto, erradamente nos vv. 739, 1087 e 1388), como sucede nos vv. 5, 123, 151, 228, 601-602, 660. O mesmo acontece quanto às interpolações, pois são considerados autênticos os vv. 38-39, 361, 468, 785, 949, 1233-1235 (nos vv. 87, 246, 262, apenas duvida da sua autenticidade), que a maioria dos editores tem por interpolados.

Nos vv. 212, 487, 1234, 1269, parece-me preferível o texto de Page. No v. 133 *ἀλλὰ, γεγαυά* é métricamente deficiente.

Talvez fosse de certo interesse um breve estudo sobre a caracterização das personagens, assim como seria conveniente uma sucinta análise da métrica e da linguagem da tragédia.

A edição de A. Elliott segue o texto de Murray (cf. p. 138) e apresenta notas ao fundo da página e comentário no fim, tendentes sempre a valorizar o texto e a tornar viva a peça. Foram abandonados os pormenores filológicos e de crítica textual sempre difíceis de entender por não-especializados a quem, como confessa o autor no início do «Prefácio», se destina a obra: «This edition is designed for people who are

inexperienced in reading Greek tragedy in the original». Integrado no mesmo espírito o autor escreveu um Posfácio, com o sugestivo título de *Periegesis*, que se divide em oito capítulos que tratam dos seguintes pontos:

- I — O mito de Medeia anteriormente a Eurípides.
- II — O ambiente dramático em Atenas, referindo a relação entre os Festivais e o Estado, a produção dramática, o vestuário, os actores e, por fim, a origem da tragédia.
- III — A possível assistência à peça.
- IV — Breve análise da tragédia (excessivamente breve mesmo)
- V — O tema de Medeia na arte e literatura posteriores.
- VI — A linguagem.
- VII — Análise e explicação métrica.
- VIII — Breve referência à transmissão do texto, remetendo para a edição de Page.

Como se vê pelos assuntos enumerados, esta edição analisa todos os aspectos que os não-especializados precisam de conhecer para a boa compreensão da peça, não lhe faltando mesmo um capítulo de análise métrica e linguística — uma deficiência que se vem notando em muitas outras edições.

Dá ainda Elliott uma bibliografia escolhida no fim de cada capítulo.

Um útil vocabulário conclui este trabalho de sólida informação e bem apresentado.

Por tudo o que se acaba de expor, merecem louvores estas duas edições, utilíssimas para quem se inicia no estudo da *Medeia*, e cujo espírito e finalidade, embora distintos, nos parecem dignos de serem seguidos.

J. R. F.

Aristotle, Poetics. Introduction, Commentary and Appendixes by
D. W. LUCAS. Oxford, Clarendon Press, 1968. XXVIII + 314 pp.

A despeito de, no último meio século, terem sido publicados vários comentários à *Poética* de Aristóteles (como G. M. A. Grube, *Aristotle on Poetry and Style*, New York, Library of Liberal Arts, 1958; L. J. Potts, *Aristotle on the Art of Fiction*, Cambridge University Press, 1953; K. Telford, *Aristotle's Poetics: Translation and Analysis*, Chicago, 1965; P. H. Epps, *The Poetics of Aristotle*, University of North Carolina Press, 1942; G. F. Else, *Aristotle: Poetics*, University of Michigan Press, 1967), nenhuma atingiu o fôlego e a profundidade da presente edição. Por isso, a obra de Lucas merece o nosso aplauso e regozijo.

Em 1965, os Oxford Classical Texts, para substituição da antiga de Bywater, publicaram uma nova edição crítica da *Poética*, da autoria de R. Kassel. Com base no seu texto, preparou D. W. Lucas um comentário pormenorizado (enriquecido de alguns excursos sobre pontos controversos de interpretação e análise literárias, como sejam a *mimesis*, a *katharsis*, a *hamartia*) que foi composto nas oficinas oxonienses em 1968. Trata-se de uma obra que aproveita as muitas achegas dos últimos anos sobre a interpretação ideológica e textual e dos progressos imensos que se têm